

Plantas que curam: eficácia simbólica na religiosidade popular

Dayana Dar C da Silva e Silva¹

Ednara Crismyne Oliveira França²

Introdução

Este trabalho tem por objetivo fazer um breve exame sobre os estudos dos saberes tradicionais dos recursos vegetais em uma perspectiva etnobotânica, através da relação entre o ser humano e as plantas por meio de remédios e usos religiosos vivenciados no cotidiano das populações da Amazônia.

Os registros históricos já mostram que o homem primitivo fez uso dos elementos da natureza, devido às transformações do seu modo de vida e sua evolução biológica, passou a reconhecer as plantas como forma de cura para ferimentos e doenças, aprendendo também a distinguir plantas que seriam nocivas a sua saúde (Gurgel, 2010). Segundo Lévi-Strauss (1989), os povos primitivos identificavam as espécies, gêneros e as partes dos vegetais que usavam para fins medicinais, assim como, o reconhecimento do habitat e a época de colheita.

Autores como Albuquerque (2002) e Amorozo (1996) definem os conceitos etnobotânicos, e podemos entender como uma ciência que estuda a inter-relação entre os seres humanos e as plantas. É um tema pesquisado por diferentes áreas do conhecimento, como, botânicos, antropólogos, sociólogos e outros.

As práticas etnobotânicas contribuem para o resgate do conhecimento e valorização dos saberes empíricos acerca dos recursos vegetais utilizados pelas populações tradicionais, sobretudo na região Amazônica, que possui uma rica biodiversidade da flora. As fontes dos estudos etnobotânicos são benzedores, curandeiros, raizeiros, parteiras, pois estes sujeitos costumam a fazer uso e manejo de plantas tanto para cura, como para amuletos de proteção.

A etnobotânica restaura o saber popular, preocupando-se com a recuperação do conhecimento dos povos nas formas populares da utilização de plantas. O método etnográfico faz com que os saberes sejam mantidos e repassados por meio dos mitos, das

lendas, dos gestos, dos símbolos e práticas, proporcionando a socialização dos saberes regionais (Souza, 1998 *apud* Mendonça et al., 2007).

Foram feitas entrevistas com uma curandeira e uma parteira em março de 2011 e fevereiro de 2012 no município de São Caetano de Odivelas, as entrevistadas possuem um expressivo conhecimento etnobotânico. Em relação às entrevistas, contamos com a colaboração dos dados oriundos da pesquisa “Diálogo de saberes: processos educativos não escolares e práticas docentes¹ que analisa diferentes processos educativos vivenciados no cotidiano de sujeitos da Amazônia paraense e as formas como tais processos são incorporados no cotidiano das escolas formais de ensino. Para tanto, realiza uma cartografia de saberes (saberes do brincar, poéticos, ambientais e religiosos) tendo como ponto de referência a realidade sócio-cultural amazônica, em particular a Região do Salgado, especificamente os municípios de Colares, Vigia e São Caetano de Odivelas, Estado do Pará.

Apresentaremos o levantamento etnobotânico das plantas encontradas nas entrevistas, saberes relativos aos usos dos recursos da natureza para fazerem seus remédios e trabalhos de cura, mostrando a importância desses conhecimentos para a manutenção saúde e do meio em que elas vivem.

Religiosidade Popular e Práticas de cura

A religiosidade popular é uma produção do povo que molda e cria suas crenças religiosas a partir das vivências do cotidiano e estão entrelaçados aos preceitos católicos assim como os seus rituais.

Segundo Barbosa, falando sobre os conceitos de religiosidade popular, afirma que:

[...] ela é uma produção dos leigos, que sofrem influências da religião institucionalizada, e expressam sua religiosidade através de rituais dentro de um ambiente coletivo, sofrendo forte influência também do meio sócio-cultural em que estão inseridos, refletindo seus anseios imediatos (Barbosa, 2010, p. 23).

As formas mais populares de religiosidade na Amazônia são a pajelança cabocla e o catolicismo popular. A pajelança cabocla envolve um conjunto de práticas e crenças xamanísticas, que são “sincretizados pelo contato com o branco e o negro, desde pelo menos a segunda metade do século XVII” (Maués, 1999, p. 195a). O catolicismo é caracterizado pelo catolicismo popular, que reúne um conjunto de práticas e crenças de

denominação católica, partilhadas principalmente pelas camadas subalternas ou por classes dominantes. (Maués, 1995b).

Os sujeitos das populações tradicionais têm uma relação próxima com a natureza, onde ocorre uma constante transmissão de conhecimentos que passam de geração em geração perpetuando os valores, crenças, hábitos alimentares e modos de vida específicos do grupo.

Assim, as populações da Amazônia reúnem suas crenças e práticas mágico-religiosas através das experiências cotidianas que estão entrelaçadas ao catolicismo, pajelança, espiritismo kardecista e as religiões afro-brasileiras para formar os sistemas de cura. As curas feitas por meio da religiosidade popular, nas quais as doenças podem ser de origem natural e sobrenatural, combatem os males que ameaçam o indivíduo e o ambiente em que ele está inserido.

Maués (1990) define que as doenças de origem natural são atribuídas as causas naturais, normais, os fatores que causadores são micróbios, alimentação, etc., por exemplo, gripe, malária, alergia sarampo, etc. As doenças sobrenaturais provêm de agentes humanos e não-humanos, as causas dessas doenças estão relacionadas aos espíritos e seres humanos que agem por maldade, inveja e raiva.

As questões de saúde-doença, os procedimentos mágicos são constituídos de simpatias e benzições e os especialistas de curas são partes fundamentais nesses processos de manutenção da saúde.

O benzedeiro ou rezador, bem como o curandeiro, desempenham papel importante na cura dos males [...]. A utilização dos meios de cura varia de acordo com a natureza da doença, ou seu grau de intensidade, além de outras circunstâncias que podem aparecer durante o tratamento e determinar as decisões que podem aparecer durante o tratamento e determinar as decisões que devem tomar.

É a doença que qualifica a pessoa que vai ser consultada. Há “doenças qui não são prá médico”, provenientes de pragas, malefícios, feitiçaria, onde são inúteis os esforços empregados pelos médicos (Fontenelle, 1959, p. 38).

São Caetano de Odivelas

Supõe-se que o município de São Caetano de Odivelas, localizado na Mesorregião do Nordeste e na Microrregião do Salgado, teve como seus primeiros habitantes os índios e que sua origem está relacionada à fase catequética da Companhia de Jesus por meio das

ações missionárias dos padres jesuítas no período colonial, na região do Salgado, mais especificamente nas proximidades do município de Vigia (rio Mojuim).

Em 1757, os jesuítas se estabelecerem nesta região que era conhecida como São Caetano. E em 1760 com o objetivo de evangelizar e ampliar suas ações religiosas fundam a fazenda São Caetano, que foi levada em 1833 a categoria de Freguesia e, posteriormente, em 1872 à condição de Vila, momento este que se desvincula do município de Vigia e com a promulgação da lei nº 707, de 5 de novembro é reconhecido como município.

Trindade (2007) relata que:

A história da fundação deste município está relacionada com o empreendimento português de colonização das novas terras no novo continente, bem como as iniciativas dos nobres portugueses em batizar as recentes descobertas com nomes de cidades já existentes em Portugal. Os jesuítas como eram bons desbravadores, entraram pelo rio Mocajuba e fundaram esta importante fazenda denominada de São Caetano de Odivelas. Quase não se sabe nada a respeito dos moradores desta, mas presume-se que nela havia índios em fase de catequese (Trindade, 2007, p. 66-67a).

Entre as manifestações religiosas existentes em São Caetano de Odivelas, destaca-se o Círio de São Caetano, realizado no primeiro domingo de agosto na sede do Município. Nessas ocasiões, são organizados arraiais e leilões. Ainda no universo religioso “há a igreja de São Caetano da Divina Providência, Adventista do Sétimo Dia, Deus é amor, Filadélfia, Centro Espírita e os ‘trabalhos’ dos curadores [...]” (Trindade, 2007, p. 52). A cultura popular do Município é variada em suas manifestações. Nesse aspecto, o que diferencia São Caetano de Odivelas dos demais municípios é a modalidade Boi de Máscara¹, único em todo o Brasil. Dentre os mais famosos da cidade, destacam-se o Boi-Tinga, o Alce e o Caribu. Além dos bois, existem, ainda, os pássaros juninos².

Mulheres Especialistas em Curas

Dona Lenita¹ é uma curandeira de sessenta e nove anos. Trabalhou fazendo partos, vidência, hoje faz remédios, massagem, simpatias e benzições. Quando perguntada sobre seus trabalhos e quando questionada se curandeira é mesma coisa que pajé, ela relata que:

É... uns chamam de outras coisa, mas não sou². Eu trabalho com remédios, com vários tipos de doenças. Vêm pessoas doente passando mal aqui para casa, até de uma dor qualquer, às vezes, sai do hospital e vem para cá, eu faço meus trabalhos, ensino remédios, e ficam tudo bom. [...] Eu já trabalhei trinta e poucos anos de parto. Quinhentos e oitenta e cinco parto eu já fiz. Das minhas noras, dos meus netos e bisnetos... [...]

Também faço trabalho de terapia, massagem, trabalho com osso para endireita. [...] (Sobre as simpatias) compra o perfume do chega-te a mim bota o nome da menina e mistura o perfume passa na tua mão e depois passa nela e já era... pra mulher é um pouco diferente. [...] preparo banho pra tratar olho gordo, preparo banho pra negócios. (Perguntada se já fez vidências) Já, mas agora não faço mais, minha vista não deixa. Eu jogo cartas. [...] eu cuido de quebranto, eu rezo. Para curar as pessoas eu rezo, ascendo vela e vou rezando. (Entrevista, maio de 2011).

Podemos notar nas falas de dona Lenita um sistema de diferentes crenças religiosas¹ e nos seus métodos de cura é utilizado diferentes elementos mágico-religiosos.

Sou devota de Nossa Senhora da Conceição e da Nossa Senhora de Aparecida. [...] Eu vou as missas, a gente reza o terço, a gente vai ajudar as obreiras a fazer limpeza na igreja. [...] Congá de trabalho, alí chama-se de conga, mas eu chamo de santuário. Alí eu rezo o meu terço, se eu tô te tratando alí eu vou fazer meu trabalho, eu ascendo as vela e fico rezando vou chamando os santos. [...] Sim, tenho o dom de prever. [...] O que eu faço das minhas plantas? Eu faço meus banhos, eu faço meus atrativos pra negócio, pra amores, pra agarrar as pessoas. Tenho remédio pra resolver a vida do sexo, às vezes tem uns que são devagar (risos) aí eu faço aí ela te testa (risos). As mulheres também já são tudo parece um gelo elas se ajeitam também (risos), ai, ai, eu já ensino pra fraqueza faço um chá e toma e já melhora. Quer dizer das minhas plantas faço um bocado de coisa... faço muita coisa, o nome já diz, preparo banho pra afastar olho gordo, preparo banho para os negócios, é rapidinho que consegue o que quer (Entrevista, maio de 2011).

Existe o conhecimento das plantas, o preparo e os procedimentos mágicos relacionados à cura de doenças, benzições e simpatias. Dependendo do motivo do tratamento de cada pessoa podem ser utilizados chás, garrafadas, emplastos, xaropes, banhos e etc., assim como o preparo e o emprego de diferentes plantas, ervas e cascas de árvores. “Tem uma menina que tá se tratando, ela estava no médico, só com cascas de pau, essas garrafas cheias a menina já aumentou quatro quilos. Ela me falou ontem quando ela veio aqui, e eu tou tratando dela. Eu fui na mata pra pegar essas cascas” (Entrevista, maio de 2011). Dona Lenita prepara garrafadas para o tratamento de gastrite, é necessária uma combinação de cascas de árvores exigindo um grande conhecimento e manipulação dos recursos vindos da natureza.

O dom de curar é de nascença, herdado naturalmente, concedido por Deus:

Não aprendi com ninguém. Eu sonhava que eu curava. Desde criança eu sonhava. Ai eu dizia para mamãe e ela dizia: “é minha filha é uma coisa que vai acontecer contigo”. Mãe uma mulher vinha a me ensinar a aplicar injeção. [...] Isso para mim é um dom. Porque eu não aprendi com ninguém. Eu não aprendi com a enfermagem, com a parte de enfermagem. [...] Também já trabalhei com esse negócio de cirurgia

quando minha vista era boa tirava ponto, fazia curativo. Tudo sem ninguém me ensinar (Entrevista, maio de 2011).

Outra especialista experiente em remédios é dona Raimunda mais conhecida como Mundica, parteira de sessenta e nove anos. Dedicou cinquenta anos de sua vida fazendo partos por amor, o seu dom também vem de nascença.

Sabe, tenho cinquenta anos de parteira. O parto de casa é na esteira, era só com remédio caseiro, passando andiroba na barriga. Foi assim que começamos a fazer. [...] O meu trabalho eu fazia por amor, não era por dinheiro, por simpatia, por beleza. [...] Foi dom de Deus, a mamãe falava que quando eu era criança eu era muito interessada nas coisas, se tinha alguém doente eu já queria puxar. Desde criança puxo desmentidura. Hoje, além desse remédio, faço pra garganta, tosse, gripe, já com outros ingredientes: mel de abelha, alho, cebola, limão aí fica um remédio abençoado (Entrevista, fevereiro de 2012).

Segundo Galvão (1955) faz-se uso de todas as ervas e plantas conhecidas no local, e que são combinadas sob várias fórmulas e aplicações, a utilização desses conhecimentos depende de uma vasta experiência individual.

As parteiras são conhecedoras de rezas ou orações fortes que ajudam na hora do parto e na cura de diferentes doenças. Dona Mundica conta que nos partos complicados sempre orava para Deus:

Outro parto que fiz, era de uma mulher, quando eu cheguei a criança já tinha nascido pela metade, dos pés até a cintura. Não tinha como ir pra lugar nenhum, não tinha carro, não tinha hospital. Ali só era Deus. Cheguei lá, me ajoelhei, orei... Eu não sou crente, a minha crença é só Nele. Orei e entreguei tudo pra Ele. Que Ele fizesse aquela criança nascer. Eu mandei fazer um caribé com bastante pimenta e manteiga. Aquilo veio na minha cabeça. Assim que ela tomou o caribé a dor voltou. Voltando a dor, foi possível tirar a criança. A criança nasceu, mas morta desde as nove horas da manhã. Anos depois encontrei a mulher numa loja. Ela bateu nas minhas costas, e disse: “Dona Mundica, a senhora salvou minha vida”. Aí eu disse que não tinha sido eu, mas Deus (Entrevista, fevereiro de 2012).

As duas entrevistadas possuem uma relação próxima a natureza, sendo de grande importância a utilização dos recursos vegetais para o tratamento das enfermidades por meio da medicina popular, que inclui a participação mágico-religiosa garantindo a sua eficácia na cura de doenças, nas simpatias, nos benzimentos e na proteção do indivíduo e do seu meio.

O uso das Plantas

As plantas usadas para fins medicinais são plantadas nos quintais e outras são encontradas dentro da floresta. Utilizam as folhas, cascas de árvores e raízes em diversas combinações.

Muitos remédios podem ser feitos como preventivos para inveja, mau-olhado, panema¹, ou como atrativos para sorte, amor, felicidade, etc., o uso de plantas como amuletos protetores estão incluído os tajás amazônicos descrito por Cascudo: “Na Amazônia, os Tajás (Caladios, Aráceas) desempenham incontáveis ocupações em serviço da sociedade humana. Guardam a casa, defendem-na dos ladrões, dos invejosos, dos falsos-amigos, garantindo o sono de seus fiéis. Dão fortuna, amores, êxitos” (Cascudo, 1967, p. 56).

A tabela abaixo mostra as plantas citadas pelas entrevistadas.

Nome Popular	Nome Científico	Indicação
Amapá	<i>Parahancornia amapa</i>	Tosse, tônico
Buiuçu	<i>Ormosia coutinhoi</i>	Gastrite
Barbatimão	<i>Stryphnodendron adstringens</i>	Cicatrizante
Pirarucu	<i>Bryophyllum pinnatum</i> <i>calicinum</i>	Tratamento de garganta e hematomas
Tamaquaré	<i>Caraipa densifolia</i>	Faz simpatia para o homem ficar “pateta”, é bom para trazer sorte nos negócios.
Comigo-ninguém-pode	<i>Dieffenbachia seguine</i>	Proteção da casa, escritório, etc. Afasta “olho gordo”.
Espada-de-São-Jorge	<i>Sansevieria trifasciata</i>	Proteção da casa, escritório, etc.
Sucuúba ou Sucuba	<i>Himathanthus sucuuba</i>	Inflamação uterina, gastrite
Verônica	<i>Dalbergia subcymosa</i>	Inflamações
Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i>	Cicatrizante
Unha-de-gato	<i>Uncaria guianensis</i>	Anti-inflamatório, tônico

¹ É uma força mágica capaz de trazer aos seres humanos, animais e objetos má sorte e desgraças, conforme explica Galvão (1955).

Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i>	Dor de estômago
Murta	<i>Eugenia punicifolia</i>	Inflamação, anemia, mioma
Urucu	<i>Bixa orellana</i>	Controlar o colesterol
Pariri	<i>Arrabidaea chica</i>	Anemia

Os conhecimentos etnobotânicos não pretendem fazer apenas uma lista de plantas para serem estudados seus fins terapêuticos em laboratório, mas faz com que sejam elucidados elementos materiais e simbólicos típicos das práticas e crenças locais (Alves, 2004).

Considerações Finais

No cotidiano das populações amazônicas existe um modo específico de vida, uma relação profunda com a natureza. O uso das plantas é feito por diferentes formas e aplicações no combate das enfermidades ou por sua eficiência mágico-religiosa. Os especialistas no preparo de remédios para o corpo e alma, também preparam banhos para tirar a má sorte, fazem simpatias, rituais de rezas, massagem terapêuticas e usam de plantas como amuletos protetores. Para que tenha eficácia é necessário que o indivíduo envolvido nessas práticas tenha fé, ou seja:

[...] a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva (Lévi-Strauss, 2003, p. 194).

Nas práticas medicinais populares o ser humano, as plantas e a magia atuam em conjunto para manutenção da saúde e proteção dos indivíduos. As manipulações dos elementos da natureza caracterizam a religiosidade popular e no modo de vida das populações amazônicas. Os vários elementos que formaram cultura brasileira vêm de tradições européias, africanas e indígenas, constituindo uma grande e rica diversidade cultural e religiosa. Conhecer, registrar e valorizar as práticas e saberes que as populações tradicionais possuem é conservar e perpetuar a cultura e a religiosidade local.

Referências bibliográficas

- A LBUQUERQUE, Ulysses Paulino de. **Introdução à Etnobotânica**. Rio de Janeiro: Interciência, 2005.
- AMOROSO, M. C. de M. **Abordagem etnobotânica na pesquisa de plantas medicinais**. In: DI STASI, L.C. (Org.). *Plantas medicinais: Arte e Ciência. Um guia de estudo interdisciplinar*. São Paulo: EDUSP, 1996. (p. 47 - 68)
- ALVES, Schirlei da Silva. **Etnobotânica de Plantas Medicinais**. Revista da PPG-ISC/UFMT, 2004.
- BARBOSA, Francisca Gléna Kedyma. **O cotidiano da vida religiosa em São Caetano da Boa Vista: Expressões de religiosidade e cura**. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Ciências da Religião, UEPA, Belém, 2010.
- BERG, Maria Elisabeth van den. **Plantas medicinais na Amazônia: Contribuição ao seu conhecimento sistemático**. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2010.
- CASCUDO, Luis da Câmara. **Tradição, ciência do povo**. São Paulo: Perspectiva, 1967.
- FONTENELLE, L.F. Raposo. **Aimorés: análise antropológica de um programa de saúde**. Rio de Janeiro: DASP, 1959.
- GALVÃO, Eduardo. **Santos e Visagens: um estudo da vida religiosa de Itá, Baixo Amazonas**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.
- GURGEL, Cristina. **Doenças e curas: o Brasil nos primeiros séculos**. São Paulo: Contexto, 2010.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **A ciência do concreto**. In: *O pensamento selvagem*. Campinas: Papirus, 1989. (p. 15 - 50)
- _____. **Antropologia estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.
- MAUÉS, Raymundo Heraldo. **A ilha encantada: Medicina e xamanismo numa comunidade de pescadores**. Belém: UFPA, 1990.
- _____. **Padres, pajés, santos e festas: Catolicismo popular e controle eclesial**. Um estudo antropológico numa área do interior da Amazônia. Belém: Cejup, 1995.
- _____. **Uma outra invenção da Amazônia**. Belém: Cejup, 1999.
- MENDONÇA, et al. **Etnobotânica e o saber tradicional**. In: PRAXE, T.J.P. (Org.); PEREIRA, H.S. (Org.); WITKOSKI, A.C. (Org.). *Comunidades ribeirinhas amazônicas: Modo de vida e uso dos recursos naturais*. Manaus: EDUA, 2007. (p. 91 – 92)

TRINDADE, Raida Renata Reis. *'Aqui, a cura é de verdade'*: Reflexões em torno da cura em São Caetano de Odivelas-PA. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), UFPA, Belém, 2007.

¹ Graduanda em Licenciatura Plena em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará.

Endereço eletrônico: darc.dayana@yahoo.com.br

² Graduanda em Licenciatura Plena em Ciências da Religião pela Universidade do Estado do Pará.

Endereço eletrônico: narah.oliveira@yahoo.com.br

¹ Pesquisa do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA) em convênio com a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

¹ Para mais informações sobre o boi de máscaras recomenda-se: FERNANDES, José Guilherme dos Santos. **O Boi de Máscaras**: Festas, trabalhos, memórias na cultura popular do Boi Tinga de São Caetano de Odivelas, Pará. Belém: EDUFPA, 2007.

² É uma tradição popular junina que existe há mais de cem anos que envolve música, teatro, dança e literatura. Os brincantes catam, dançam e interpretam.

¹ Nome fictício sugerido pela entrevistada.

² O termo curandeira é mais aceito pela população.

¹ Encontra-se elementos da pajelança, espiritismo, religiões afro-brasileiras e do catolicismo popular.